

Republica

FOLHA INDEPENDENTE

REDACTOR CHEFE:—AFFONSO BORGES

Anno XXII

Estado de S. Paulo

Ytú, Domingo 4 de Dezembro de 1921

Brasil

Numero 716

22 annos

Esta folha completa hoje 22 annos.

Foi no primeiro domingo de dezembro de 1899 que appareceu ella quando duas facções politicas aqui se degladiavam.

Tomou posição ao lado de uma dessas facções, o que quer dizer que nasceu lutando e lutando continúa a viver e lutando morrerá quando não tiver mais forças para enfrentar os inimigos do povo.

O «Republica» não tem uma feição propriamente politica porque não está ligado a esta ou aquella agremiação, é independente e por natureza, livre de peias. É independente para não escutar as labias dos subornadores de consciências, mas é dependente do povo que o sustenta e dos leaes amigos que o amparam.

Verdadeiramente intensa tornou-se a sua acção neste ultimo anno em que foi obrigado a combater mais energicamente a politicagem do cacete e da trahição que se abarancou neste municipio. Vibrou tambem contra essa nefasta administração municipal que se tem caracterizado por absurdos, desmandos, esbanjamentos e despreso pelo povo. Uma administração despotica que faz unicamente o que exigem os apaniguados, que gastam o que a Câmara não possui, que sabe querer o que julga os pobres e confunde com as mais ridiculas pretenções dos ricos, uma administração, enfim, impular e descreditada.

Se nada ou muito pouco tem conseguido a nossa folha em beneficio da população perseguida, pouco importa.

O nosso dever está sendo rigorosamente, esrupulosamente cumprido e selo á até o dia em que a nossa terra seja entregue a quem possa dirigi-la ou até que os dominadores resolvam repetir o que já é do seu habito—a eliminação do adversario.

Neste ultimo caso as providencias já estão tomadas para uma substituição ou successão vantajosa.

Estamos convencidos de que o povo ituano não pode viver sem o «Republica».

Uma saudação

Itú 1 de Dezembro de 1921.

Caro Affonso,
Saudações.

O teu «Republica» completa hoje mais um anniversario.

Acostumado, ha cinco annos, a lhe enviar a minha modesta collaboração, impossivel se me torna furtar ao dever, alias gratissimo, de vir cumprimental-o pela data de hoje.

Amigo pobre, não posso offerecer lhe um presente rico. O «Republica», porem, felizmente, não é um anniversariante exigente, e sempre se tem mostrado satisfeito com os meus caseiros pudins litterarios. Demais, lá diz o rifão: «Quem dá o que tem, não está a mais obrigado».

Nos costumeiros trajos venho, pois, apresentar lhe os meus cumprimentos, os quaes tambem, naturalmente, se tornam extensivos, porquan-

to és bem o pae do ro-busto joven a quem aperto a mão de amigo.

Deves estar satisfeito pelas felicitações que elle hoje recebe.

Desde a mais tenra idade tens-lhe ministrado os ensinamentos de uma aprimorada educação, e sob a tua tutela de ha muito vem elle trabalhar do desinteressadamente em prol de sua terra.

Assim sendo o «Republica» confirma a lei do atavismo, herdando o teu sentimento de amor á esta terra que lhe deu o berço, e da qual é elle um sincero e denodado defensor.

E' como tal que, felicitando-o, Affonso, te envia muitos votos de felicidade.

O Cr.º e Am.º

Americo Morato.

DE um intelligente conterraneo, apre-ciado collaborador desta folha, recebemos a amavel carta, da qual extrahimos os seguintes topicos:

Rio, 25—11—21.

Affonso Amigo

Imagino o seu espanto ao ler estas linhas. Não devo, por ventura, imaginar? Acho-me, aqui, no Rio, ha tres annos, e, nunca,—não é verdade?—soube mandar-lhe uma cartinha, uma noticia só! Chamar-me-ha de ingrato. Quem sabe lá?... Mas, eu não o esqueci. Duvida? Fui, apenas, um grande relaxado, como foi V. no tempo gostoso da Academia. Creio, pois, que me perdoará. Não é assim? Talvez, ignore, mas eu, em materia de correspondencia, ando em falta até com os velhos.

Que quer?... Os exames deste anno são mais horriveis que as pulgas lymphaticas do Parque. E depois... depois... Ch vida apertada! Não se pode ser chefe, nesta terra!

Voltemos á ordem do dia. Sei que o Republica faz annos, e como não haveria de o saber?... Nestas condições, desejo, apenas, felicitando esta data sympathica, cumprimental-o sinceramente, fervorosamente.

Eu, que, durante muitos mezes, me acostumei a traçar algumas linhas tortas no seu Jornal, sinto, no dia de hoje, uma alegria consoladora e doce.

Permitta-me, pois, Affonso, que misture, ás muitas felicitações que V. irá receber, agora, os meus votos de entusiasmo e admiração, de Jubilo incoitado.

Como amigos que somos, esta carta guarda uma feição positivamente intima e, muito mais, sincera.

Mando, sim, para o amigo publicar, estes versinhos humoristicos.

E' uma lembrança do João Barróca.

—Segundo os calculos mais approximados, devo chegar, ani, pelo dia 15, mais ou menos. As provas são morôsas e difficeis.

Felizmente, hontem, veneci, com galhardia, a cadeia ra mais pesada; de tal sorte que me posso considerar, já, quarto-munista.

O tempo correu como a agua do Brasiá!

A' proposito: Como vae a nossa terrinha? O Parque? O Compadre? O Jardim? O Maranhão? Nho Avida?

O Elixir Vanadico de Alceste?

Mas, é o succo essa terra! Palavra de honra! Estou pôdre de saudades.

Depois, pensando bem convenci-me de que essa gente é ingrata.

A começar de voce. Não se espante.

Nem o Republica! Varias vezes, lhe pedi.

Ando, aqui ás escuras, completamente ás escuras! Não é o caso para se ficar sentido? E', de certo.

Contudo, não guardo rancor, por isso.

Mas, agora, é que estou vendo!..

Que baita carta empurrei em cima de si!

Puxa! E' de escaenderar uma figura.

Fico, por cá, portanto. Finis coronat opus.

Dia feliz

Acabo de saber por intermédio de um amigo com quem amanhã é anniversario do «Republica».

Foi com sincero e grande prazer que recebi a noticia desse faustoso acontecimento.

Bem conheço as difficuldades com que lucha a imprensa indigena, sempre victimada da inveja dos ignorantes que lhe rovem guerrilhas desleaes e pouco dignas. O meio social em que vive essa imprensa é sempre mais acanhado, concluindo-se dahi que nem todos ou quasi ninguem comprehende a alta missão do jornalista. Por isso mesmo fica este mais exposto ás furias dos ignorantacos intolerantes que só podem governar pelas violencias.

Assim mesmo o nosso jornal continúa á frente do povo destemidamente atenuando as consequencias da pessima administração local.

Já percebi que o valor dos vossos adversarios asentense num prestígio feito de bobagem e na convicção erronea de perpetua impunidade para os seus crimes.

Não conheço, como conheceis, minucias sobre as luctas aqui travadas, mas tenho conhecimento dos achincalhes feitos ao povo pelos chefes sem escrúpulos.

Já sei que o processo aqui, felizmente usado por poucos e repudiado pela população, sensata, é o de agredir á trahição, ás escondidas e com surpresa para as victimas.

Tive occasião de trocar idéas com um respeitavel cavalleiro, vesso patriocio, e por elle certifiquei-me de factos que manchariam a reputação do povo ituano se não fôra a attitude imperatubavel da vossa folha, sempre disposta corajosamente a bater-se pelos opprimidos.

Combateiros, sr. redactor e o nome da vossa terra continuará a ser abençoado por todos os brasileiros que consideram Itú como um reducto da civilização.

Abracos affectuosos do camarada e amigo

VERITAS.

Imprensa

Oito simples caracteres, que resumem a epopeia maxima do Mundo!

Sim. Se nos fosse dado, num simples artigo effectuar o balanço do surto gigantesco do Planeta nestes 468 annos, isto é, desde as cartas impressas do papa Nicolau V e da Biblia de Moguncia, até o mais novel dos órgãos da imprensa o O Regimento desta cidade, veríamos com espanto, quanto ascendemos em direcção á Verdade.

E, comtudo, quanto ainda nos encontramos distantes della!

Na antiguidade, imprimia-se na carne rubra dos escravos, com o hoje, nas bestas de carga, com o ferro candente, a marca do senhor.

Hoje, o jornal, com sua ampla e infinita liberdade é o Senhor do Mundo, porque póde imprimir em suas columnas, tudo quanto um cerebro imaginar, ferindo não as carnes, mas queimando a alma inteira do mais santo varão!

Por onde elle passa, espalha-se a discordia tantas vezes.

E elle, que inflammando a consciencia dos povos, atira-os na lucta fratricida, tem as vezes o condão magico de, numa vertical infinita elevar a alma humana até Deus!

Que contrastes tem a penna e que pena nos dá, á nós idealistas, não ser a imprensa perfeita.

E' que estamos ainda na Terra, o planeta dos contrastes.

Não nos admira pois, que o Republica, no seu vigésimo segundo anno de vida, tenha as palmas dos que lhe applaudem, os artigos e veja os punhos cerrados daquelles que lhe invejavam as investidas.

A imprensa é isso.

F. MARMO.

Commentos



Vinte e dois annos de luctas!

Já é alguma coisa.

Se não ha muitos louros por essa estrada percorrida resta ao menos a satisfação dos muitos esforços empregados para merecel-os.

Vinte e dois annos de luctas formidaveis e incessantes

Póde se dizer que não houve uma tregua para repouso ou um armistício para qualquer negociação.

De repouso não se precisa nesta casa e de negociações ninguém cogita. Para repousar carrega-se pedra e o unico negocio a entabular-se e bordado de criar bicho.

Isto ha vinte e dois annos.

Tem que ser assim em quanto vivermos, nós que aqui dentro só cuidamos de cauterisar as feridas do proximo. A não ser assim melhor seria mudar de nome...

Bem comprehendem todos que aqui trabalham que o «Republica» não é remedio digestivo; ao contrario, tem perturbado o bom funcionamento de muitos estomagos cheios de mais por intermedio de gargantas muito escancaradas...

Ha vinte e dois annos que assim é e parece que continuará a ser, máu grado as feias pragas que echoam ao longe parecidas com as chingações dos pévas enfiados com os clarões da lua...

E' a força do destino implacavel

A missão é ingrata e a profissão é espinhosa.

Que fazer?

Todos nós viemos ao mundo para desempenhar uma missão e para exercer uma profissão.

A gente não vem aqui para estar de bocca aberta a apanhar moscas.

Ha vinte e dois annos que labutamos á sombra do «Republica» na defesa do povo.

Ha vinte e dois annos que trabalhamos sem descanso como amigos do povo e ha vinte e dois annos que os inimigos do povo trabalham para fingir que não ouvem os nossos protestos.

Veremos no fim quem ganha a batalha.

Com coragem e habilidade dão-se soccos até em faca de ponta...

Já fez um anno que falleceu o saudoso e benemerito sr. Joaquim Borges.

No entanto, as obras do Lyceu ainda não começaram e devem ficar concluidas dentro de tres annos.

Por falta de terreno não e, pois ha tantos por ali, mas condições.

Se não funcionar o Lyceu dentro do prazo de tres annos, adeus minhas commendas.

Lembrem-se de que nós por aqui somos uns pobres pintos que só podemos gritar quando os gaviões passam voando...

Esta folha já tratou do assumpto diversas vezes em artigos que não foram comprehendidos pelos analphabets.

Neste numero esta um galego que vive gaguejando felices contra o «Republica».

A prefeitura vae montar aqui um mercado de peixes que virão canalizados do Braiaia.

Como serão deliciosos se chegarem como a agua...

Estão dizendo que a caixa do Braiaia escacha por estes dias e que nem assim a taxa d'agua abaixa.

Ou vae ou racha!

E' aquella graxa!

Arrabatacha!

E' o caso: Tu me procuras não machas, eu te procuro não t'acho.

A prefeitura recebeu um uso externo para curar a parede do Paço Municipal do lado do becco.

Precisa agora uma receita de uso interno para curar as feridas do cofre

Com pomadas paliativas as feridas não saram.

E' preciso uma poção de agua do Braiaia com terras dos caminhos do Salto e da Ponte, fervida no fogão do lazareto e sacudida, antes de usar, pelos empregados da Camara que se acham atacados da doença do somno...

Pintem de vermelho e viva a Republica.

Terra, tijuco, bicho e lama Sujeira, veneno e coisa má Contra tudo isso é que o povo clama Bebendo a porcaria do Braiaia.

K. LIMERIO

Tribuna Publica

O crime do largo do Carmo

Jú. 1.º de Dezembro de 1921.

Illmo. Snr. Redactor do «Republica».

Meus affectuosos cumprimentos.

Em vista do resultado do inquerito procedido contra o attentado á minha pessoa na noite de 25 de Novembro ultimo e da classificação dada ao crime traiçoeiro e premeditado, peço vos a publicação da seguinte noticia publicada no jornal «O Estado de S. Paulo» de 29 de Novembro, de um crime passado na capital do Estado, rodeado das mesmas aggravantes que o que se deu com a minha pessoa, cuja classificação foi de tentativa de morte.

Quanto a classificação do

attentado á minha pessoa, salta aos olhos de qualquer mortal o proteccionismo existente ou a falta de conhecimento juridico de quem o classificou.

Mas me resta ainda o espaço da integridade do Dr. Juiz de Direito desta comarca para annullar aquella classificação absurda e incoerente com os depoimentos e corpo de delicto procedido em minha pessoa.

Dr. Sampaio Vianna.

Eis o despacho:

«Consta destes autos que no dia 24 do corrente, á rua Coronel Mursa, 52, foi presa em flagrante delicto Assumpta Ielli Fiorante pelo facto de sacando de um revolver, tentou matar seu cunhado Eugenio Pignoni conforme auto junto.

O projectil attingiu a região precordial, produzindo uma escoriação recente, circumdada por uma estreita ecchymose, situada a dois centímetros para dentro e um para cima do manillo correspondente, corpo de delicto.

Sendo considerado leve o ferimento, a indiciada requereu lhe fosse concedida fiança provisoria, para solta se livrar, conforme petição junto.

Dada vista ao dr. 2.º promotor publico, opinou pelo indeferimento do pedido, visto lhe parecer que está bem caracterizada a figura de tentativa de homicidio, conforme sua promulgação.

O que tudo bem visto e examinado; e considerando que a prisão em flagrante está bem caracterizada;

Considerando que a figura da tentativa integra-se pela concorrência de tres elementos: a) intenção directa do agente de commeter o delicto; b) começo de execução deste delicto; e) a sua não consummação por circunstancias independentes da vontade do delinquente. (Bento Faria, cod. penal, pag. 58).

Orá, no caso, houve intenção directa da indiciada, pois é ella mesma quem confessou que desejava matar a seu cunhado Pignoni, pois para isso foi á casa Taurisano, á travessa do Braz e comprou o revolver apreheuido, conforme auto de fls 16, e voltando á sua residencia, desfechou um tiro em seu referido cunhado. Houve tambem começo de execução do delicto e a prova é que ella confessou que desfechou o tiro, o que foi corroborado pelo exame da arma, cujos peritos deram como sendo recente, além de acharem o revolver carregado com cinco balas e uma capsula detonada.

Começo de execução, diz

o dr. José Hygine, não quer dizer realisação parcial do delicto, designo o acto ou a serie de actos tendentes á producção do resultado que constitue o crime.

Foi o que se deu (V. Bento de Faria, Codigo Penal, pagina 57.)

Houve igualmente «meio idoneo», que é aquelle que o delinquente apparella para a consummação do crime que intenta perpetrar, como a compra de um revolver, por exemplo, para o homicidio. (José Hygine, op. citada).

Verifica se tambem que o delicto se não consummou por circunstancia independente da vontade da indiciada, porque a bala ricochetou, desviou a direcção, ao mesmo tempo que perdeu grande parte da força ao penetrar ao roupas da victima e mesmo porque a indiciada não soube manejar a arma homicida. Deu-se uma impossibilidade relativa (V. Bento Faria, Codigo Criminal, pagina 57)

Considerando mais que «quem emprega o revolver, arma mortifera, alveja a victima e dispara, manifesta por actos exteriores e principio de execução a intenção inequivoca de matar, não realisando o evento por uma circunstancia independente da sua vontade» (Accordam do Conselho do Tribunal Civil e Criminal, de 9 de Maio de 1921);

considerando que «quem desfecha em outrem uma arma de fogo, capaz de produzir a morte no aggreddido, deve responder por tentativa de homicidio, salvo se por provas sufficientes, conseguir demonstrar que outro era o designio» (Sentença do juiz de S. Simão de 24 de Julho de 1900);

considerando que o artigo 13 do Codigo Penal não faz distincção entre tentativa e crime falho. «Tendo o delinquente praticado alguns actos de execução, ou tendo feito tudo o que era necessario para conseguir o resultado que tinha em vista, e que não conseguiu, a situação é a de uma tentativa». (V. Escorel, Codigo Penal, pagina 58).

Na especie, a indiciada envidou todos os esforços para matar o cunhado, não só comprando o revolver, alvejando-o com um revolver grande, que não funcionava, atirou-o no meio de uns moveis e lançou mão daquelle que ella comprara momentos antes, com o firme proposito de mata-lo, segundo declarou a fls 13 v., havendo, portanto, o «animus necandi»;

considerando ainda que «fica legalmente constituída a figura juridica da tentativa por ter o agente abandonado o delicto quando havia praticado actos de

execução aptos a produzi-
rem a morte do offendido,
a qual não se deu por cir-
cumstancias independentes
da sua vontade; a) por au-
sencia de «lethalidade» quan-
to à lesão produzida (art.
13); b) por erro de pontaria
quanto aos tiros desfe-
chados (art. 14). (Accordam
da 2ª Camara da Côrte de
Appellação, de 17 de Maio
de 1910);

considerando, afinal, o
que mais consta destes au-
tos e tendo em vista o
parecer do dr. 2.º promotor
publico, indefiro o pe-
dido de fiança provisoria
requerida, «ex-vi» do art.
406 do Código Penal.

Intime-se e prosiga-se nas
deligencias legais.—S. Paulo,
26 de Novembro de
1921—(a) Carlos Pimenta,
7.º delegado de policia.»

S. R. Redactor da
Republica.»

Avesso ao exhibicionismo
pela imprensa, não preten-
dia incommodal-o, Snr. Red-
actor, pedindo agasalho
nas colunas de vosso concen-
tuado e brilhante bi-
hebdomadario «Republica»
para vir explicar detalha-
damente ao publico a cau-
sa, inteiramente particular,
que deu origem a occurren-
cia verificada, na noite de
25 de Novembro, entre mim
e o Dr. Sampaio Vianna,
mas como alguém, sob o
pseudonymo de Veritas,
oculta-se na roupagem do
anonymato, e o proprio Dr.
Vianna, em publicações in-
sertas no ultimo numero de
vossa folha, alem de detur-
parem a causa do meu
desforço, aliás justo, buscam
acoitar esse acto de atten-
tado mesquinho, torpe, gros-
seiro, estúpido e traçoero,
tive necessidade de vir, em
minha defeza, esmiuçar a
origem do facto e repellir
a sóez aggressão de meus
detractores, afim de que a
sociedade culta e civilizada
de minha terra natal, en-
quanto aguardo a manifes-
tação imparcial e recta da
Justiça, a quem está affecto
o caso, possa julgar-me
serenamente sem se deixar
embahir pelos escrivinhado-
res de secção livre.

Dias antes do facto, pre-
cisando fazer uma viagem
a Campinas, dirigime a Es-
tação da Sorocabana, em
cuja gare, depois de me ter
munido de uma passagem
no guichet, permaneci de-
preocupadamente, em pa-
lestra com pessoas de mi-
nha intimidade, aguardando
a chegada do trem de
passageiros procedente de
S. Paulo que me devia con-
duzir aquella cidade.

De repente, sem que o
esperasse, fui chamado pe-
lo neocasthenico Dr. Vianna
que, fardado, se achava com
vários officiaes, tendo ao pé
alguns sargentos e soldados.

Attendendo ao chamado,
aproximei-me e, sem causa
nem motivo, fui por esse
medico, em linguagem bar-
xa e facanha, acintosamen-
te insultado e injuriado,
entre outras, com as se-
guintes expressões textuaes
«Cachorro, bandido, canalha
porque me está olhando».

Revoltado com o facto,
que foi presenciado pelos
senhores Gastão Bicudo,
Mario Costa, Alfredo Bres-
ciani e Drs. José Correa
Pacheco e Silva e Ignacio
Penteado, meu primeiro im-
peto foi, como homem vile-
pendido, insultado, ultraja-
do ou injuriado, reagir e
tirar immediato desforço,
porém, preferi calar ao re-
considerar de prompto que,
como reservista, filho de
Itú, desta terra hospitaleira
cheia de tradições e glorias,
era um brasileiro e devia,
contrariando a impolidez
e grosseria, respeitar a far-
da do nosso glorioso exer-
cito, enveigada pelo mal
educado e isto não por este,
mas sim pela presença dos
distinctos, polidos, leaes e
criteriosos officiaes, em cu-
ja companhia se encontrava
aquelle individuo.

E se assim reconsiderei,
assim procedi.

No dia 25 de Novembro,
porém, passando pelo Largo
do Carmo, que constitue
hoje uma praça ajardinada
e muito bem illuminada, no
centro da cidade, frequen-
tadissima pelo nosso povo
nas noites quentes ao ve-
rão e, portanto, não um lo-
gar ermo e escuro, encon-
trei-me casualmente com o
meu feroz e implacavel inimi-
go vestido a paisano e, num
impeto de raiva, depois de
perguntar-lhe si mantinha
os insultos que proferira na
Estação e de receber, em
troca da pergunta, uma ben-
galada, ataqueiro, em legiti-
mo e justo desforço, ensi-
nando-lhe como se ensinam
aos atrevidos, o respeito a
minha pessoa que vale tan-
to como a sua.

Eis, Snr. Redactor, como
fica patente não ter havido
attentado estúpido e traço-
ero, em lugar escuro e er-
mo, mas sim desforço justo,
franco e leal de quem fora
insultado na Estação e pri-
meiro agredido no Largo
do Carmo e precisava dar,
como deu, a dev da lição
ao insolente que lhe procu-
rou offender no que mais
presa—a honra.

O origem do desforço fo-
ram os insultos proferidos
na Estação, porém, aanea
questões recentes ou anti-
gas de pharmacia.

Ha 6 mezes, ultimo sem
medo de contestação, dei-
xei de ser socio da Phar-
macia S. José. É verdade
que, quando socio desse
estabelecimento, surgiu um
incidente entre mim e o
Dr. Vianna que, alem de
prejudicar o movimento

Gazolina e Kerozene

“Atlantic”

na Casa Fraini

Sub-Agencia

Preços a dinheiro

Kerozene 29 000

Gazolina 32 600

Entrega a domicilio

dessa e de outras phar-
macias para proteger só u-
ma, moveu a mais cruel cam-
panha de descrédito e per-
seguição contra a firma de
que eu fazia parte, mas isto
não veio e nem vem ao
caso, pois si quando era co-
proprietario da pharmacia,
nao liguei a minima impor-
tancia aos atreganhos desse
medico, porque havia agora
de importar com isso si es-
tou completamente fora da
actual firma proprietaria?

Veritas devia protestar em
seu artigo, não contra o me-
io empregado para o des-
forço, mas sim contra a de-
monstração espectacular de
força que quiz e Dr. Vianna,
após o desforço, mani-
festar contra mim.

Preso por um policial, a
quem entreguei meu revolver
ainda com duas balas
por deflagar, o Dr. Vianna a
paisano e com o seu engra-
çado chapéu de palha amar-
rotado, já fora de perigo,
vendo que pelo Largo pas-
savam soldados e sargentos
do 4.º R. A. M. poz-se a
gritar: «Soldados, soldados,
linchem esse bandido», como
está provado no inquerito
policial.

Acto continuo, obedecendo
ao mandado do Dr. Vianna,
cuja a paisana não era um
official, porém, como civil,
um simples cidadão, apro-
ximam-se soldados e sargen-
tos, em numero de uns 20,
os quaes, depois de espan-
carem o policial que me
prendera, tiram-me de suas
mãos, ferem-me a soccos e,
finalmente, entregam-me a
Sylvio Fonseca, distincto ami-
go, que para salvar-me
das garras da soldadesca
comprometteu-se de condu-
zir-me preso a presença do
Dr. Delegado de Policia.

Mesquinha e torpe, Veri-
tas, não é a acção de quem
se desforça; grosseira e es-
túpida, Dr. Vianna, não é a
acção de quem se defende
de uma offensa e, em se-
guida, de uma aggressão re-
cebida, mas mesquinha e
torpe, grosseira e estúpida
é a vindicta de quem, sen-
do official, mas não estan-
do fardado e nem em ser-
viço, por uma questão inteir-
amente particular, que na-
da tem que ver com a
classe respeitabilissima dos

No Parque

A's 7 e ás 9 horas

Hoje será passado o film da Triangle, em 9 partes,
Sem guia na vida, pelo querido artista americano Charles
Ray.

Amanhã um bello film a 300 réis.

O destemido artista americano Douglas Fairbanks
vae apparecer na tela deste cinema, terça feira, interpre-
tando o drama da Paramount, intitulado:

«O Audaz Caprichoso»

Quarta feira o ultimo episodio do film *A Soberana do
Mundo*, por Mia May.

Dia 23,—o drama francez em series *Os Mystérios de
Pariz*.

FABRICA DE LICORES

de RICARDO & MORELLI

Rua Santa Cruz, 70—Telephone, 181—Caixa Postal, 28

— I T U —

Neste já conhecido estabelecimento industrial o pu-
blico encontrará bebidas de todas as qualidades fabrica-
das com todo o esmero, como sejam:

Licores: Fernet, Cognac, Sambuca, Garibaldi, Reino,
Rhum, Cravo, Canella, Qualquer Cousa, Hortelã Pi-
menta, Anis e Anisete.—Xaropes: Abacaxi, Capilé,
Groselha e Tamarindo.—Vinhos de Fructa e Quinado.
—Siphon, Gazoae Abacaxi Espumante.

militares, incita aos cons-
criptos, sargentos e solda-
dos, na praça publica e aos
gritos: «Soldados, soldados,
linchem esse bandido», con-
forme depoimento das tes-
temunhas ouvidas na inque-
rito, a pratica do crime com-
mum previsto no art. 127 §
unico do Cod. Penal que
pune com pena de prisão
cellular de 1 a 4 annos a ti-
rada, com actos de violen-
cia, da mão e poder da au-
toridade, de seus agentes e
subalternos, daquelle que te-
nha sido preso em flagran-
te, como fui eu.

O auto de corpo de de-
licto procedido no soldado
espancado, as declarações
deste reduzidas a termo e
os depoimentos das teste-
munhas gloriosos de tal, Syl-
vio Fonseca, Antonio de Al-
meida Sampaio e outras ou-
vidas no inquerito policial
provaem a sociedade o que
acabei de narrar.

Finalmente, Veritas, artista
em mexidas e intrigas, em
seu artiguete, todo repassa-
do de uma litteratice habo-
sa, tenta descobrir no caso
o espirito de hurrismo ou
regionalismo boçal para em
seguida intrigar o povo de
Ytú com o 4.º R. A. M.,
porem, tal não conseguira
porque si de um lado o po-
vo de minha terra e crite-
rioso e sensato e sabe des-
tinguir o joio do trigo por
outro os officiaes do Regi-
mento, como partes integran-
tes do glorioso Exército Na-

cional, pelo seu preparo, in-
telligencia, polidez e distin-
ção, constituindo um orga-
namento de nossa sociedade,
são a mais segura garantia
de que essa intriga não vin-
gará para tranquillidade, so-
cego e paz das familias.

É o que tenho, Snr. Red-
actor, a dizer antes de dei-
tar uma pá de cal sobre a
arenga de Veritas, a quem
deixo em paz para todo e
sempre.

Sem mais, agradecendo
lhe a publicação desta, sou
De V. S.

Am.º Att.º Oo.º Cr.º

Fabio Galvão do Ama-
ral Gurgel.

Futebol

Maranhão vs. São Roque

É hoje que se realisa o
grande e esterado encontro
entre o sympathico clube
local E. C. Maranhão e o
forte conjunto São Roque
A. C., da visinha cidade de
São Roque.

O jogo começará ás 16
horas devendo comparecer
a banda musical «José Vi-
etorios».

O quadro do Maranhão
está assim organizado:

Napoleão
Cice—Tigre

Biloso—Aprigio—Rocha
Zezé—Plácido—Tito—Tony
—Tide

A MELHOR

MACHINA

o Automovel



F. F. de Toledo
Rua do Commercio, 84
 Telephone 9

E' a unica casa nesta praça que tem peças para prompta entrega em preços legitimis e a preços de catalogo.



A mais rápida e

a mais

conhecida

Para a cura rapida e certa da
GONORRHE'A

— usem —

BLENOIT

Especifico infallivel

A' venda nas melhores pharmacias

Casa Cecilio

— DE —

Francisco Cecilio Malfa

Rua da Palma, n.º 69 — Telephone 152

— YTU —

Previne-se ao distincto publico desta cidade e municipio que foi installado á rua da Palma n.º 69 um bem montado estabelecimento commercial que se propõe a servir sua freguezia por preços sem competidor, expondo á venda molduras de diversos estylos, vidros para vidraças, lisos, phantasias e em cores, telhas de vidro, estampas de diversos tamanhos, espelhos, portaretratos, etc. etc.

Concerta-se imagens, collocam-se vidros em caixilho, apromptam-se quadros com perfeição, com a maxima brevidade e por preços excepcionalmente baratos.

Veterinario

DR. EMILIO CRUZ

Medico veterinario

Licenciado pela Directoria de Saude de São Paulo — Especialidade em molestias de cavillos e cães.

Consultas e chamados á Rua Santa Cruz n.º 211 — Telephone 41.

Fabrica de Vehiculos

— DE —

JOAO LYRA JUNIOR

— Largo do Mercado —

O seu proprietario offerece ao publico os servicos desta officina a preços nunca vistos. Tem um grande deposito de madeira, ferro, aço, carvão, tinta, etc. etc.

Faz tambem rodas de automovel — Especialidade em pintura. — Os trabalhos são executados por habilissimos artistas.